

“LE MIE PRIGIONI” DE SÍLVIO PELLICO

Eis um dos primeiros livros que me foi dado ler em italiano: «As minhas Prisões» de Sílvio Pellico. Algumas vezes ouvira já falar nessa obra e por acaso até me tinham vindo parar às mãos algumas traduções.

Eu, porém, detesto em geral essas traições ao espírito de um escritor — parafraseando o provérbio italiano — que se encobrem com o seu nome, abusivamente. Esperei porisso a oportunidade de ler no original a obra do autor de «Francesca da Rimini» para o poder saborear no próprio *idioma gentile* em que fôra escrito.

Eis senão quando me oferecem pequeno exemplar de uma edição antiga do livro que havia tempo eu ansiava por ler. Era um exemplar de pequeno formato. O tipo, nítido e atraente, conquanto algo antiquado.

O tipo dos livros influi imensamente no espírito dos leitores. Não sei se alguém já o observou, mas o certo é que muitas vezes evocamos um autor pelo tipo em que se imprimiram os seus livros e lhe atribuímos qualidades e defeitos que são afinal do material dos tipógrafos.

No entanto, nem que o livro estivesse escrito no mais cerrado e embrenhado dos caracteres góticos, eu deixaria de o ler.

O desejo de reagir contra a nefasta e desnacionalizadora influência da literatura francesa tem-me feito buscar e aconselhar aos amigos leituras de autores de diferente nacionalidade, especialmente italianos, as quais, ampliando os horizontes do nosso espírito, nos levam, por estranho que isso pareça, a reaportuguesar-nos. Na verdade, habituamo-nos com a leitura de autores de nacionalidades diversas a procurar o que nêles há de característico, de nacional. Comparámo-los entre si. E insen-

sivelmente somos levados a confrontá-los com os nossos escritores. Descobrimo-nos assim a nós mesmos de novo.

Além disso eu aprendia então a língua de Dante.

Pelo que ter um livro italiano e não o ler ser-me-ia quasi impossível.

Foi o que aconteceu com o de Silvio Pellico.

Mas o interesse pelo livro aumentou à medida que o fui lendo. Pouco a pouco dominava-me e comovia-me.

*

Direi pois da impressão que me deixaram as suas páginas. Contudo, o que segue não é de modo algum a apreciação crítica do livro.

A tanto não chega a minha ousadia.

O que vou dizer não passa de mera resenha do que me impressionou mais ao ler «Le mie prigioni».

*

É costume começarem-se os estudos acerca de qualquer autor pela biografia. Não o farei eu, já porque não mo permitiria a índole deste trabalho, já porque o livro de Silvio Pellico é como uma autobiografia, e absurdo e inútil se afigura fazer, a propósito dessa autobiografia, a biografia do autor dela...

Quem era Silvio Pellico pouco importa para narrar as impressões que me deixou o seu livro.

Baste-nos saber que pertencia a uma família extremosa e unida de Turim.

Com quanta ternura ele recorda na solidão do cárcere os pais que deixara e não sabia se voltaria ainda a abraçar!

Na cela, isolado de tudo, evoca os tempos em que os pais o cumulavam de carinhos. E sente, juntos à dôr de os ter deixado, a dôr de não os haver amparado e acarinhado quanto mereciam no tempo em que era livre, e o desejo de vir um dia a preencher essas lacunas de solicitude e amor que a agitação do século o fizera esquecer.

Freqüentemente se queixava, com efeito, sua mãe: «Ah! o nosso Silvio não veio a Turim para nos ver!»

E naquela hora o filho pensa: quanto querereria eu, se ainda pudesse, não os abandonar, consagrar-me por completo a ajudá-los com meus cuidados na sua velhice!

A saudade é tal que nêle gera quasi o remorso: «Expro-bava-me não me ter mostrado para êles mil vezes mais terno».

As provas da afeição que votava a seus pais seriam intermináveis se as quisesse citar tôdas. Essa afeição como que se espiritualiza e sublima na solidão do cárcere.

¿Porque estava ali o já então notável escritor italiano, no lugar dos malfeitores e dos criminosos?

Não no-lo diz claramente, mas por vezes se depreende, de alguns passos do livro, que o acusavam de qualquer crime político.

No capítulo XV encontra-se a mais extensa referência ao assunto.

Nas prisões mais rigorosas é em geral proibido aos presos comunicar, uns com os outros de cela para cela. Mas o certo é que sempre êles descobrem maneira de frustrar a proibição.

Pellico não fugiu também à regra e entabulou conversação com um preso de cela contígua, enquanto o guarda se afastara. Preguntou-lhe o outro se êle estava preso por dívidas.

«— Não.

— ¿Talvez acusado de burla? Falsamente, claro.

— Acusam-me de coisa muito diferente.

— ¿Coisas de amor?

— Não.

— ¿Homicídio?

— Não.

— ¿Carbonária?

— Justamente.

— ¿E quem são êsses carbonários?

— Conheço-os tam pouco, que lhe não sei dizer».

Ao mesmo tempo que notamos a naturalidade dêste pequeno diálogo, notemos também o modo curioso como o autor nos dá a entender que está preso inocente, pelo menos inocente da acusação que lhe faziam de carbonário.

Muito possível seria que um homem com o seu espírito e a sua alma pensasse, ou mesmo cooperasse em algo que o imperialismo de Áustria reputasse perigoso para o seu domínio na península dos Apeninos. Bem, é evidente o amor de Silvio Pellico pela sua pátria, a Itália, quando regressa dos cárceres da Alemanha a caminho da liberdade e de novo sôa a seus ouvidos a língua natal, ao rever os amenos lugares onde outrora passara livre e descuidoso. Não menos evidente é o particular affecto que dedica aos italianos seus companheiros do cárcere e do

exílio. ¿Porque não o teria impellido o patriotismo para qualquer acto antipático à policia austriaca?

Fôsse como fôsse. Apenas curo de dizer das impressões que o livro me deixou. E Sílvio Pellico não adianta mais. Logo na primeira página, confessando, ao que parece, a sua antiga paixão pela política, mostra o intento de não se referir vez alguma ao quer que seja de relativo a ela.

«Disto nada direi. Semelhante a um amante maltratado pela sua bela e dignamente decidido a conservar-se amuado, deixo a política onde está e mudo de assunto».

Sílvio é preso, julgado e mandado para os cárceres da Itália e da Alemanha cumprir a pena dos criminosos políticos.

Morrem companheiros seus na prisão e no exílio, vitimados pelos rigores do tratamento ou da doença.

Ele sofre muito, mas vive. E vive o suficiente para um dia voltar à pátria, reabraçar os amigos e, suprema ventura, encontrar vivos seus pais e irmãos, depois de oito anos de «cárcere duro», em dez de prisão.

O regresso é descrito no livro em tom de cântico de alegria — da alegria pura que é filha do sofrimento. Sílvio canta como que o regresso a si mesmo: porque o homem não se compõe somente de corpo e alma, mas também da família e da pátria. Só quando estes três elementos se reúnem o homem está completo.

É este o traço geral do livro. Dizer mais seria transcrever o livro inteiro.

Sobre este tema tão simples fez o autor uma das melhores obras da literatura mundial no género.

Nem um momento desfalece o interêsse do leitor, ao compasso que vai percorrendo as páginas de *Le mie prigioni*: uma observação, uma historieta simples, uma conversa, uma paisagem, a descrição de um tipo humano, estão sãbiamente espalhadas por todo o livro para o impedir.

Quando digo sãbiamente não quero dizer rebuscadamente. Tudo no livro está disposto tão naturalmente que é impossível que houvesse rebuscamento da parte do seu autor.

A naturalidade é como selo que denota a obra do artista de génio. Não tem este mais do que apelar para a sua própria inspiração e seguir-lhes os ditames, — porque a imaginação do verdadeiro escritor é como variegado jardim, onde para qualquer lado que vos volteis e quaisquer que sejam as flores que colhais ao acaso, estão todas já tão belamente ordenadas na

haste e na sua disposição pelos canteiros, que sempre formareis um ramalhete harmonioso na côr, e no aspecto.

É o que acontece com *Le mie prigioni*.

Há ainda que atender à experiência pessoal do autor, a qual concorre para dar ao livro naturalidade, e sinceridade, outro dos seus encantos.

*

Direi da arte do livro.

Duas qualidades aponte já nesta obra de Sílvio Pellico: a naturalidade e a sinceridade.

A naturalidade.

Revela-se de modo flagrante nos curtos diálogos do livro. São simples. Não há nêles frases alambicadas nem retórica. Os interlocutores não podiam ter falado de outra maneira.

Assim, as frases dos carcereiros são curtas, bem como a dos presos nos breves momentos em que podem falar furtivamente.

Várias vezes aparecem no livro carcereiros, e ainda quando Pellico lhes desvenda um pouco da alma por detrás da dureza profissional, as suas frases são curtas e rudes. Desageitada é a maneira como tocam em assuntos de sentimento.

Essas páginas esplêndidas em que se desenha a figura de Schiller, o carcereiro da prisão da Alemanha, são características.

É admirável a descrição, em pequenas frases, da luta que se adivinha no espírito do carcereiro entre o dever de ser rigoroso com os presos e o coração que se enternece com a desventura dêles. Schiller, o carcereiro de nome ilustre mas de vida infeliz, fala com a franqueza brutal do antigo soldado e a rudeza do carcereiro.

E como é verdadeiro o diálogo, que transcrevi há pouco, de Pellico com o preso da cela contígua, enquanto os não vêem os guardas! A curiosidade, aguçada pela solidão e pela inércia forçada leva o preso a perguntar a Sílvio o maior número de coisas no mínimo de palavras. Sílvio é novo no cárcere e portanto tímido: só responde o indispensável, e é o outro que o vai interrogando sucessivamente sobre as causas possíveis da sua prisão.

Entre muitos outros diálogos que poderia apontar, fixarei a minha atenção num, excepcional pela leveza, pelo impressivo, pelo que deixa adivinhar da psicologia dos interlocutores, um dos quais é o autor, e o outro um dos desgraçados falsos Lui-

zes XVII que apareceram na Europa depois da morte do Delfim de França.

Na parede da cela onde estava, Pellico encontrara escritas duas graciosas estrofes francesas assinadas por *le duc de Normandie*. E entreteve-se cantando-as. «Ma ecco una voce vicinissima che le ricanta con altr'aria. Com'ebbe finito, gli gridai «Bravo!» Ed egli mi salutò gêtilmente, chiedendomi s'io era Francese.

— No; sono Italiano, e mi chiamo Sílvio Pellico.

— L'autore della Francesca da Rimini?

— Appunto.

E qui un gentile complimento e le naturali condoglianze, sentendo ch'io fossi in carcere.

Mi domandò di qual parte d'Italia fossi nativo.

— Di Piemonte, dissi; sono Saluzzese. —

E qui, nuovo gentile complimento sul carattere e sull'ingegno de'Piemontesi, e particolare menzione de'valentuomini Saluzzesi, e in specie di Bodoni.

Quelle poche lodi erano fine, come si fanno da persona di buona educação.

— Or mi sia lecito, gli dissi, di chiedere a voi, signore, chi siete.

— Avete cantata uma mia canzoncina.

— Quelle due belle strofette che stanno sul muro, sono vostre?

— Si, signore.

— Voi siete dunque...

— L'infelice duca di Normandia. — »

Transcrevo em italiano para que não perca o sabor.

O diálogo é leve, direi mesmo gracioso. A êste, outros se sucederam mais longos, em que o impostor conta as suas aventuras, por terras de França e da Europa, com a verbosidade própria dos impostores, sem deixar no entanto de ser natural e sem cair no ridículo. Era, ou queria fazer-se passar por francês o vizinho de Sílvio Pellico: e é ver como no pequenino diálogo transcrito abundam as referências aos cumprimentos e às finezas do pseudo duque de Normandia, que no entanto, consciante do seu papel, não se excedia, como disse.

Outra das características do livro é a sinceridade. A sinceridade é uma qualidade romântica. Mas nem todos os românticos conseguiram nas suas obras aliar à sinceridade a naturalidade, como Sílvio Pellico.

Sílvio é um sincero: não se furta a confessar as suas misérias, por exemplo o seu orgulho para com Schiller; seus sentimentos, o amor que sente por «Madalena»; sua desconfiança de todos os que o rodeiam, inclusivamente do sacerdote que lhe vem trazer a palavra divina.

Outro escritor teria ocultado talvez alguns dos sentimentos. Pellico está todo, integralmente, dentro do livro. Outro talvez temesse cair no ridículo. Pellico foi absolutamente sincero, e a sinceridade, quando serve para mostrar uma grande alma, como traz humanidade à obra, dá-lhe beleza e expressão literárias.

Porque se deixou guiar sempre por critério de absoluta sinceridade, dificilmente se encontraria algo mais psicologicamente certo do que o princípio das «Minhas Prisões».

Para o verificarmos completamente, indicarei por números as fases, ou melhor os momentos psicológicos dêsse drama que é a entrada e os primeiros dias no cárcere.

No capítulo I descreve o autor a sua captura, depois de lhe fazerem longo interrogatório.

Preso, sentiu fome. Durante aquele dia ainda não comera. Pediu porisso de comer ao carcereiro. Primeiro momento.

Depois de ligeira refeição deixam-no só. Ficou-lhe então livre o espírito para divagar.

Observa antes de mais o lugar onde se encontra: uma cela entre as mil de um presídio, que outrora foi convento de monjas. Chegam aos seus ouvidos os cantos frenéticos de alguns reclusos. — Segundo momento psicológico: aqui ainda recebe sensações do mundo externo; o seu eu está como que esquecido.

Imediatamente se lhe impõe a comparação das pragas e cantos obscenos de criminosos de toda a casta, que êle escuta, com os suaves hinos religiosos de outrora das espôsas do Senhor.

¿Quem viria ainda viver naquela casa que fôra convento e servia então de cárcere? Pensando nisto, veio-lhe à ideia o mutável e fugás do tempo, que de homem feliz o fizera um desgraçado. Terceiro momento psicológico.

Mas logo sentiu o ânimo reconfortado com pensar na perpétua condição de tudo, que é mudar e transformar-se: a essa ideia andaria decerto ligada, embora veladamente, a esperança de melhores dias. Quarto momento.

No entanto lembraram-lhe súbito os seus, e foi mais forte do que êle a saúde: enterneceu-se e chorou como uma crian-

ça. Quinto momento. ¿Há aí porventura algo mais natural e humano, mais profundamente humano do que isto?

É de notar a linguagem diáfana em que se acha feita a narração, que contribui para aumentar o seu encanto e a sua verdade.

— Silvio pensou então na família, longa e amargamente, doendo-se de não ter sido para ela mais carinhoso e solícito do que fôra.

Sentia a alma dilacerar-se.

É admirável o modo como termina o capítulo II: duas frases que dizem longa tragédia moral.

«Chiusi la finestra, passeggiài un'ora, credendo di non aver requie tutta la notte. Mi posi a letto e la stanchezza m'addormentò».

De noite acordou. No silêncio soturno do cárcere e da noite, o sentimento da solidão torna-se avassalador. O repouso e algum tempo de sono restauraram-lhe as forças mentais: o pavor e o assombro despertaram-lhe o espírito, que vagueia como buscando motivos de sofrimento.

«Lo svegliarsi la prima notte in carcere è cosa orrenda».

As descrições, especialmente as descrições de tipos humanos, são de uma expressão extraordinária. Formoso exemplo é a descrição do pequeno surdo mudo da prisão, que todos os dias vem brincar para debaixo da janela da sua cela, e lhe sorri e gesticula e se lhe afeiçoa por fim de tal modo que lhe manda o pão que lhe dão para comer e chora quando levam a Silvio para lugar onde não o tornaria a ver. Os olhos da criança são a sua fala. Silvio fala-lhe também com os olhos; seu coração entenece-se, e vendo o abandono em que ela está, o ambiente onde se desenvolve, deseja ardentemente ser o seu educador, ainda que só por sinais e olhares.

Silvio Pellico é um romântico. Quicá por isso na sua obra são elevados a notável dignidade moral os que a sociedade geralmente despreza; e surgem tipos de miséria física e moral, a cada passo na obra. Certamente o autor pouco mais fez do que trasladar êsses tipos da realidade em que êle próprio viveu. Mas é incontestável que o romantismo o levou a destacar essas personagens.

¿Que conhecia êle de Madalena, a presa do cárcere contíguo? O que lhe ouvia dizer no meio das pragas e imprecações das outras companheiras: louvar a Deus e proclamar a necessidade da paciência. Tinha uma bela voz e cantava:

«Chi rende alla meschina
La sua felicità?»

Era uma desgraçada que viera parar à prisão, de miséria em miséria. Silvio imagina-a um resumo de qualidades desabrochadas pelo arrependimento. E propõe-se dirigir-lhe a palavra: mas, como o seu coração pulsava desabrido «como o de um rapaz de quinze anos enamorado», não conseguiu articular palavra...

Anda aqui, reconheçamo-lo, muito do cristão amor do próximo que leva a esquecer as faltas dos outros para que nada impeça de os amar com sinceridade, embora conscientemente. Mas êste amor de Silvio não era só o amor fraterno, senão também o que vai até sublimar aos próprios olhos a figura da desgraçada.

Os infelizes, os estropiados, os de baixa condição social merecem-lhe atenção particular.

Os carcereiros tem frases como esta, referindo-se às presas que estão ao seu cuidado vigiar:

«Sono... non occorre dirlo... donne di mala vita. Ebbene, signore, ve n'è che sono angeli quanto al cuore. E s'ella fosse secondino...»

Ante estes sentimentos inesperados num carcereiro que fala com tal delicadeza, Pellico não resiste: «¿Eu? e solta uma gargalhada. O carcereiro ficou desconcertado com êsse riso, como quem se vê incompreendido nos seus mais nobres sentimentos.

Schiller, sob uma aparência rigorosa e dura, possui uma alma compassiva. Êle próprio, quando fala nos seus deveres de severidade para os presos, não pode encobrir que o seu coração sofre com não poder ajudar os infelizes encarcerados.

Isto tudo revelaria num romancista notória propensão para descrever tipos de baixa condição social, ornando-os com belos sentimentos, exactamente uma das tendências do romantismo.

O livro de Silvio Pellico, espécie de memórias, representa a experiência vívida. Mas é incontestável que o autor se deixou dominar no episódio de Madalena e noutros pela inspiração romântica. Não quero dizer com isto que não fôsse sincero: mas a sua sensibilidade estaria educada pela corrente do tempo.

Deve notar-se, porém, que o tratar no livro de certas personagens de baixa condição social (que aliás não são as únicas) explica-se também facilmente se nos lembrarmos que são as que êle teve perto de si na prisão.

Os processos literários de Silvio Pellico são relativamente simples: não esmorecer nunca na narração o interesse da obra. Ele próprio é a personagem principal, mas a cada passo do livro vêem ocupar lugar proeminente outros tipos e outras personagens, às vezes lugar mais importante do que o autobiografado. É o que sucede, por exemplo, com Schiller e com Maroncelli, o companheiro de Silvio, como ele condenado à prisão no exílio. Admirável figura é a deste Maroncelli, e a de Oroboni, outro condenado, que morre na prisão: parecem imagens vivas do sofrimento mais terrível, mas também da coragem e da fé. Bem se diz que o cristão perfeito é outro Cristo.

Pellico, como já disse, obtem que o interesse da obra não esmoreça nunca, já por esses episódios que se vão entrelaçando no fio do relato dos monótonos dias do cárcere, já descrevendo os seus próprios sofrimentos e pensamentos com uma realidade assombrosa.

E o leitor vai insensivelmente acompanhando o principal enredo — se assim se pode chamar — da obra sem um esforço da atenção, que continuamente está sendo desperta pelas ligeiras narrações que se encrustam na obra como diamantes em bracelete de ouro fino.

Neste livro não há paixões violentas. Há sim dores violentas, sofrimentos atrozes. Mas o lenitivo da fé em Deus vai-as tornando suportáveis.

Algumas vezes o amor esvoaça por aquelas páginas; esvoaça, paira, mas não desce à terra: anda por etéreas regiões, deulhe asas o sofrimento ou a compaixão. É o amor à João de Deus e à Dante.

Um exemplo é o a que se refere em ligeiros mas expressivos traços o capítulo LXXIX: o de uma rapariguita hungara de fisionomia suave e honesta que se apaixona por Maroncelli, e que vinha para lugar de onde o pudesse ver numa cerca, logo que ele descia para lá com os outros presos. Maroncelli e Silvio Pellico andavam juntos.

«Os nossos pobres guardas, sempre extenuados de pouco ou nada terem dormido de noite, aproveitavam com prazer a ocasião de vir para aquele recanto onde, sem serem vistos pelos superiores, podiam sentar-se e dormir».

A rapariga aproveitava também a ocasião para vir estender alguma roupa ou fazer qualquer coisa que lhe permitisse ver os presos ou até dirigir-lhes palavra.

Maroncelli, alma recta e caridosa, procurava mostrar-se frio.

«Maroncelli ficava então grandemente embaraçado, tão aparente se mostrava o amor daquela desventurada. Maior era o meu embaraço. Não obstante semelhantes cenas, que seriam assaz ridículas se aquela mulher nos houvesse inspirado pouco respeito, eram para nós sérias, direi mesmo patéticas. Possuía a infeliz hungara uma dessas fisionomias que anunciam indubitavelmente o hábito da virtude e a necessidade de affecto. Não era bela, mas dotada de tal expressão de gentileza que os contornos um tanto irregulares do seu rosto pareciam aformosear-se a cada sorriso, a cada movimento dos músculos.

«Se meu propósito fôsse o escrever de amor, ficar-me-iam não poucas coisas que dizer daquela mísera e virtuosa mulher, — hoje morta. Mas basta ter apontado um dos raros acontecimentos da nossa prisão».

Com esboços destes se faz a beleza literária de um livro. E porei ponto final nestas notas acêrca da arte de «Le mie Prigioni».

*

Impõe-se agora encarar a finalidade, a significação do livro. Todo o escritor consciente faz os seus livros — para alguma coisa.

A arte pela arte é um círculo vicioso. Avalia-se a beleza literária e artística pelo humano das obras. E nada há de mais antihumano do que caminhar às cegas, sem finalidade. Essa finalidade pode consistir em procurar o Fim de toda a criação. Mas a obra que não tem orientação, finalidade, expressa ou implícita, mesmo que o autor não lha tenha propositadamente impellido, é destituída de beleza.

A obra de Silvio Pellico, que estamos examinando, tem um sentido profundo — uma finalidade que não é difícil descobrir. Logo no prefácio lê-se que ela foi «a de contribuir para confortar algum infeliz com a exposição dos males que, diz o autor, sofreu e das consolações que verifiquei poderem conseguir-se na suma desventura; — a de testemunhar que no meio de meus longos tormentos não achei a humanidade tão iníqua, tão indigna de indulgência, tão escassa de almas alevantadas como costumam representá-la; — a de convidar os nobres corações a amar muito, a não odiarem mortal algum, senão só, irreconciliavelmente, as baixas ficções, a pusilanimidade, a perfídia, todo o degradamento moral; — a de repetir uma verdade já conhecida, mas frequentemente esquecida: a Religião e a Filo-

sofia devem reger ambas vontade enérgica e inteligência serena, pois sem estas condições juntas não há justiça, nem dignidade, nem princípios seguros».

O sentido cristão da obra manifesta-se a cada passo: «As minhas Prisões» são o calvário de uma alma que no cárcere aprende a pôr os olhos em Deus.

Quando o homem está inundado de bem estar, quando parece que tendo o corpo satisfeito se devia preocupar só com o espírito, em geral só cuida daquele e dos seus caprichos.

É preciso que o infortúnio lhe venha pôr diante dos olhos a sua miséria e o seu nada. Se não é crente cairá no desespero. Se tem a felicidade de guardar na alma um tesouro ainda que reduzido de fé, volve os olhos para o Senhor, seu fim natural e sobrenatural, e dêle se aproxima cada vez mais. As dores são-lhe a prova do amor de Deus, são o meio de atingir a felicidade e o prémio da vida futura. Porisso o cristão verdadeiro é confiante e corajoso.

Com Sílvia Pellico deu-se o que se dá com muitos. O sofrimento abriu-lhe as portas do espírito. Na prisão fez um acto de fé verdadeiro.

As dúvidas sobre religião são muitas vezes fruto da vida que se leva. Desde que nos separemos de certos costumes, desde que eliminemos certas transigências, logo se desfazem preconceitos sem fundamento, que só serviam para encobrir o que nós queríamos ocultar a nós mesmos.

Nos primeiros dias da prisão, no decurso daquela tragédia moral a que me referi há pouco, surgiu-lhe de frente o problema religioso como a única tábua de salvação de todo o naufrago da dor e da tristeza.

Na terrível vigília da primeira noite de cárcere, Sílvia, oprimido pelo silêncio, pela escuridão nocturna, vê ante si desenhada tôda a sua desgraça e a dos seus.

Dor imensa a de seus pais, quando soubessem o seu filho preso como vulgar criminoso. Certamente não resistiriam àquele golpe profundo no mais íntimo dos seus corações.

¿Quem lhes daria a eles, alquebrados já pela idade, fôrça para tanto?

«Uma voz interior parecia responder-me: — Aquele que todos os aflitos invocam e amam e sentem em si mesmos! Aquele que a uma Mãe dava fôrças para seguir o Filho ao Golgota e se postar aos pés da cruz! o amigo dos infelizes, o amigo dos mortais!

«Foi êsse o primeiro momento em que a Religião triunfou do meu coração; e ao amor filial devo êste benefício».

Pela primeira vez Deus se manifesta.

Sílvia, esmagados pela dor purificadora os seus preconceitos e obstáculos à fé, sentindo o coração pleno de gratidão por êsse que lhe falava na alma e lhe infundia como bálsamo suavíssimo a esperança, faz o seu primeiro acto de fé na prisão.

Já havia tempo suas dúvidas andavam afastadas da existência de Deus e de si para si repetia que, se Deus existe, consequência necessária da sua justiça é outra vida para o homem, que sofre num mundo tão injusto.

¿Como não havia de ser a justiça o atributo de Deus mais querido de um condenado? Com efeito, ¿a quem mais claramente do que a êste, falam as desigualdades, dores e injustiças terrenas da vida da Bondade suprema e Infinita, da Fonte Eterna dos sedentos da Justiça?

Foi êste «o caminho».

Pela manhã acalmou. Pensava nos seus pais, mas já não desesperava: sentia o coração cheio de confiança serena. Deus dera-lhe o prémio, a paga do seu acto de fé.

Nas horas longas e solitárias da prisão Sílvia lê. Mas os livros são como desertos: nem um oásis de suavidade e calma para o espírito de um preso. Nem Dante o satisfaz. Só na Bíblia encontra o que precisa. Começa a ler êsse livro e a meditá-lo: suas imagens vigorosas, seus tipos e descrições simples e de natural beleza e principalmente suas palavras de vida eterna confortam-no por fim. A confiança — filha da fé em Deus — não o deixa.

É já por completo o cristão que cumpre a vontade do Senhor. Dúvidas, preconceitos, tentações, cedem perante a meditação e a dor e, sobretudo, perante a fé que o anima. É essa a armadura que lhe permite resistir aos embates do sofrimento sem desfalecer. «As minhas Prisões», de Sílvia Pellico são a história de uma alma que encontra Deus na solidão e amarguras do cárcere.

Deus por seu lado não a esquece. Afastada do seu país natal, nas terras estranhas da Alemanha, ela sempre encontra um sacerdote que lhe ouve as queixas e a ampara nos desfalecimentos.

«Ah! infeliz o que ignora a sublimidade da confissão! infeliz o que, para não parecer vulgar, se julga obrigado a olhá-la com escárnio! Não é verdade que, sabendo todos que cumpre sermos bons, seja inútil ouvi-lo dizer; que bastem as reflexões pró-

prias e leituras oportunas; não! a fala viva de um homem tem um poder que nem as leituras nem as próprias reflexões possuem! A alma fica mais abalada; as impressões são mais profundas. No irmão que fala há uma vida e uma oportunidade que muitas vezes em vão se procuram nos livros e nos nossos próprios pensamentos».

Não se julgue porém do que fica dito que no livro só há sofrimento resignado e bons sentimentos da parte do autobiografado: há desfalecimentos, acessos de cólera também.

Terríveis sofrimentos deviam ser os que lhe arrancaram aquela exclamação, assombrosa de síntese e de humanidade: «Ah! che cos'è il dar la vita? soffrire è ben più!»

Simplesmente, êsses sofrimentos foram a via dolorosa que êle subiu para atingir a Verdade divina.

Semelhante ao preso que deixou escrito nas paredes da cela onde esteve Pellico, êle podia também ter escrito: «Bendigo a prisão porque me deu a conhecer a ingratidão dos homens, a minha miséria e a bondade de Deus».

✱

Tais são, num breve escôrço, as impressões que me deixou o livro de Sílvio Pellico.

«Le mie prigioni» é um dêsses livros que, a-pesar-de narrarem tristezas e desgraças, consolam quem os lê, porque falam da fé, da constância, da confiança, da coragem na dor, do amor das coisas belas e amáveis, numa palavra, do sentido perpétuo da existência do homem e de tudo, o qual é: provir de Deus e caminhar para Êle.

Bem é êste livro expoente da séria, profunda Tradição cristã da Itália, na qual se geraram e floresceram génios que são glória daquela pátria e luminares do mundo nas Ciências, nas Letras, na Filosofia e sobretudo na Religião Católica.

F. J. DE ABREU FONSECA VELOSO